

Centro faz 1º atendimento

A fim de evitar congestionamento nos prontos-socorros dos hospitais do Distrito Federal e facilitar o atendimento, o secretário da Saúde, Jofran Frejat, recomenda que as pessoas procurem os Centros de Saúde. Para os casos que não são urgentes, há 44 postos distribuídos por regiões e 18 postos rurais à disposição do brasiliense.

“Como 98 por cento do atendimento da população são feitos na rede pública e não existe convênios com os hospitais particulares, o secretário pede conscientização. “Isso significa que nos casos não-urgentes, o paciente deve se dirigir aos Centros para o primeiro atendimento. Caso o médico local não consiga resolver o problema, ele o encaminha para o hospital a fim de realizar o tratamento secundário. E se o caso for gravíssimo (infarto, transplante, ponte de safena, entre outros”, o doente é encaminhado para o Hospital de Base.

Ele salienta que o acúmulo de demanda na emergência dos hospitais implica também na eficiência do atendimento. “Um doente com gripe à procura de medicação, pode estar na fila atrapalhando alguém com uma lesão gravíssima”. Frejat explica que emergência é qualquer caso grave, como os cardiológicos, queimaduras graves, traumatismos causados por acidentes e intoxicação, por exemplo. “Nesta situação o ideal é procurar o hospital regional mais próximo, ou Centro de Saúde, para a realização dos primeiros-socorros. Depois, dependendo do quadro clínico diagnosticado, o próprio médico marca a consulta com o hospital que possui o melhor equipamento.

Avanços — O secretário Jofran Frejat diz que apesar da população do Distrito Federal ter aumentado bastante, a Secretaria de Saúde vem obtendo bons resultados. “Nós oferecemos o maior número de consultas do País — no mês de fevereiro foram atendidos 324 mil e 316 pacientes — e maior índice de vacinação, mesmo antes da campanha contra o sarampo. Em 1990 foram 4 mil 300 casos de sarampo, contra 261 em 1991. Além disso, conseguimos manter o controle da meningite.

Frejat afirma ainda que quando assumiu o cargo encontrou os Centros de Saúde com pouca atividade. “Em torno de 70 por cento do número de pacientes acabavam nos serviços de emergência dos hospitais, enquanto que o ideal era 25 por cento. Em pouco tempo, nós conseguimos reverter o quadro para 57 por cento nos laboratórios e 43 por cento nos prontos-socorros. Agora estamos caminhando para o percentual de 1983, que era de 37 por cento de procura pelos hospitais”.